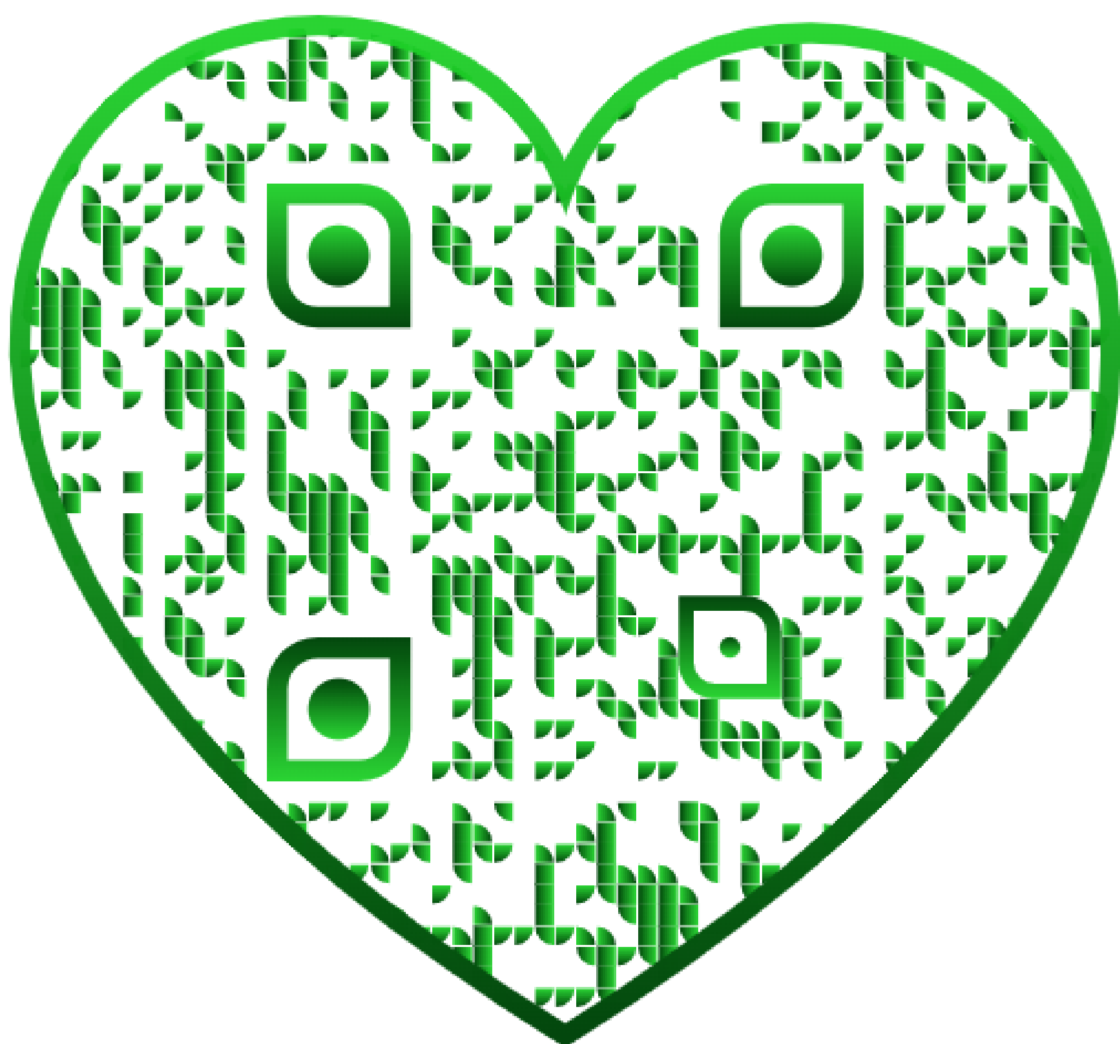

"AQUELES OLHOS CAUSARAM UM REBULIÇO NO SEU ESTÔMAGO
E EM TODA SUA ESTRUTURA,
TUDO ISSO EM APENAS ALGUNS SEGUNDOS"
AO PRIMEIRO
OLHAR
LU VIANA



Não é o tempo nem a oportunidade que determinam a intimidade, é só a disposição. Sete anos seriam insuficientes para algumas pessoas se conhecerem, e sete dias são mais que suficientes para outras.
(Jane Austen, Razão e Sensibilidade)

1

Fazia três meses que José estava enfurnado no quarto e seus pais já estavam muito preocupados. Um jovem tão lindo e cheio de vida havia se tornado amargurado. Agia assim desde que recebeu a notícia de que o câncer pelo qual lutava há quase quatro espalhara-se por seu corpo. Depois de anos lutando, ele havia desistido do tratamento, para desespero de sua mãe, uma mulher completamente dedicada a família e consternação do seu pai, um homem que vivia para o trabalho.

A notícia de que as células cancerosas viajaram através da corrente sanguínea ou dos vasos linfáticos para outras áreas do corpo de José o fez perder a fé nos tratamentos médicos. Ele sabia que muitas células cancerosas que se desprenderam do tumor primário morreram sem causar quaisquer problemas. Contudo, algumas conseguiram chegar a uma nova área, onde começaram a crescer e formar novos tumores. O fígado foi o principal afetado, e foi assim que ele foi diagnosticado com metástase hepática.

Uma das poucas coisas que o jovem fazia era ficar observando o movimento da rua, da janela do quarto. Ficava plantado, com suas dores e agonia, observando pessoas irem e virem, preocupadas com seus mundinhos particulares, sem ao menos imaginar que um dia tudo o que é importante lhes será tirado sem aviso prévio.

Foi num desses dias que o rapaz que beirava seus 25 anos viu o carro do pai parar à porta da casa.

— Seu Bernardo lembrou da família — disse sem desviar os olhos do gol preto.

Bernardo Torres é professor concursado de uma universidade pública, está sempre estudando e se especializando para ser reconhecido no meio acadêmico. José conseguiu se formar com muito custo, já que desde os vinte e um anos luta contra o câncer. Formou-se em Licenciatura em física, no entanto, acabou não exercendo a profissão devido ao seu estado clínico. Quando levou os exames da última vez que foi ao médico, tinha esperanças de que finalmente pudesse exercer a carreira que escolheu, todavia, os resultados não foram o esperado e mais uma vez seus sonhos foram interrompidos. Isso se juntou a frustração e o cansaço colaborando para que o fizessem desistir do tratamento.

José notou que o pai não estava sozinho, o melhor amigo de Bernardo estava com ele, seu Fabricio, um homem de barriga proeminente, estatura

mediana e cabelos muito grisalhos. O rapaz não estava com nenhuma vontade de deixar a tranquilidade do seu quarto, entretanto decidiu seguir seu instinto e ele dizia que o pai havia levado o melhor amigo para falar sobre o filho moribundo, que se recusava a prolongar a vida.

Movido pela curiosidade e instinto, o jovem homem seguiu para o primeiro andar da casa simples e aconchegante. Seus irmãos àquela hora estavam na escola, estudavam em tempo integral em uma escola pública no bairro vizinho. Maria e João, a primeira com 16 anos e o segundo com 14, devido aos gastos com o tratamento médico dele, os pais não puderam arcar com as despesas de uma escola particular. Somente ele, no período que a doença não era um fator na sua vida, teve esse privilégio. Sentia-se culpado por isso, por atrapalhar o futuro dos irmãos.

Desceu os degraus com cuidado, os pais não estavam na sala, com certeza seguiram para o pequeno gabinete que o pai montou para si, com intuito de trabalhar em casa sem ser interrompido pelos filhos.

Chegou à porta do minúsculo cômodo, dava para ouvir o que falavam do outro lado da porta:

— Elas estão superando bem a perda recente da mãe. — ouviu o homem dizer.

— E você? — a voz gentil da mãe pergunta, condescendente.

Sim, ele lembrava do pai mencionar que dona Ellen havia falecido. Um trágico acidente de moto havia tirado a vida dela e do moto taxista.

— Seguindo em frente. — havia tristeza na voz do homem.

— Lamento tanto — dona Lia disse — Só de pensar em perder alguém que amo e mais cedo do que o esperado isso acaba comigo. — concluiu cheia de tristeza.

José sentiu-se com certo remorso, sabia que a mãe estava pensando nele.

— Sim, Bernardo falou sobre a teimosia do seu filho. Jovem tolo, se tivéssemos tido ao menos um tempo para despedimo-nos de Ellen. — a voz do homem soou embargada.

— Por isso pedi que viesse comigo, para que fale com ele, que o convença. — Bernardo falou tão angustiado quanto a esposa.

José nunca viu o pai daquela forma, sempre manteve uma postura fria desde que receberam o diagnóstico de câncer há quatro anos. Apoiou-se na porta, uma náusea terrível surgiu, controlou-se para não chamar a atenção das

pessoas do outro lado da porta.

— Se nosso filho ao menos soubesse o quanto nos dói vê-lo sofrer. O quanto machuca o comportamento agressivo que usa para manter-nos afastados. — Lia desabafou.

Fabricio escutou um pequeno ruído na porta, Bernardo havia garantido que os filhos mais novos estavam na escola e a única pessoa na casa além dos seus amigos era José. Mas ele precisava ter certeza, Lia choramingava atrás de si enquanto seu amigo o observava curioso. Parou de frente para a porta e pela fresta notou uma sombra. Com certeza havia alguém bisbilhotando ali e ele sabia bem que era. Olhou para os amigos com ar de conspiração, depois se voltou para a porta, dizendo:

— Acredito que não preciso falar com ele, não é mesmo, José? — Fabrício perguntou abrindo a porta. — Se ama de fato sua família, volte ao tratamento por eles. — Fabrício fala.

José ficou calado, ainda parado no vão da porta.

— Você pode estar pronto para deixá-los, mas eles não estão preparados para deixar você ir, não quando podem prolongar o tempo que passará com eles.

— Mãe, pai, realmente querem prolongar ainda mais o sofrimento de vocês? — o rapaz pergunta sentindo uma mistura de raiva e culpa. Raiva por seus pais insistirem no tratamento que apenas prolongará ainda mais a dor deles. Culpa por fazê-los sofrer com seu comportamento.

— Não, tudo que queremos é amenizar o seu sofrimento. Você é o nosso bebê e vê-lo desistir sem nem ao menos lutar… Simplesmente não podemos. — sua mãe confessa,

— Lutei por quase quatro anos e de nada adiantou. Vou morrer, mãe. — olhou de Lia para Bernardo — Por que não podem aceitar isso?

— Porque aceitar não é uma opção para nós, nenhum pai deveria enterrar seu filho. Sua mãe e eu não nos conformamos com isso, então queremos que lute para evitar isso pelo máximo de tempo possível, é tudo que te pedimos. — Bernardo, um homem que pouco expressava seus sentimentos, falou ao filho.

Era injusto seus pais insistirem em algo perdido, José se odiava ainda mais por causar tanta dor à sua família. Decidiu não prolongar mais o assunto, se eles precisavam que fizesse o tratamento para o seu bem-estar, que fosse.

— Tudo bem, se é o que querem. — Não esperou pela reação dos pais ou de Fabricio. Virou-se e voltou para o seu casulo.

2

Ana puxou a cadeira e sentou-se ao lado de Bruna. A garota que lutava contra uma leucemia desde os quatro anos de idade estava tendo uma semana difícil. Precisou ser internada depois de ter passado três semanas perfeitas em casa.

— Qual vai ler hoje? — a menina de sete anos pergunta a sua companhia.

— A Bela e a Fera. – A moça que fazia trabalho voluntário no hospital oncológico de Belém uma vez por semana responde.

— Oba, adoro. — a pequena se anima.

— Ei, por que você está do lado dela? Pensei que hoje fosse sentar perto de mim. — Clarissa, que é afetada pela mesma doença de Bruna, reclama.

— Ah, porque ela está tão tristonha hoje. Se importa de ceder a sua vez a ela? — Ana pergunta.

— Sim, me importo. — Clarissa responde tola.

Ana olha para as outras crianças que esperam ansiosas para que inicie a leitura. São cinco no total, elas dividem o mesmo quarto devido ao aumento da demanda e falta de espaço.

— Hum — a mulher buscava uma solução para não magoar nenhuma das garotas. — Posso ficar com a Bruna na primeira história e com você Clarissa, na segunda leitura. Pode ser?

A garotinha de cabelo crespo e pele cor de chocolate não parecia muito feliz com a proposta, olhou para a colega de quarto com os olhos rancorosos e acabou percebendo que Bruna estava realmente triste. Havia lágrimas acumuladas nos olhos castanhos da coleguinha, forçou um sorriso e assentiu:

— Pode ficar com ela hoje, fico feliz que esteja aqui, Ana. Pode começar a ler, por favor. — a menina se ajeita na cama e sorri para as outras coleguinhas.

Depois de passar por toda a ala infantil com seus livros de contos de fadas, Ana deu a visita por encerrada. Seu pai era diretor da oncologia naquele hospital, mas optou por não procurá-lo. Sua mãe estava na terapia em grupo com seus pacientes e provavelmente a repreenderia se aparecesse para uma visita surpresa.

Despediu-se da equipe de Enfermagem da ala e seguiu para o elevador. Agradeceu mentalmente por ser uma pessoa abastada de saúde e em outros fatores. Pedagoga recém-formada, trabalha em uma escola pública como Coordenadora Pedagógica pelo período da manhã. Fazia trabalho voluntário no hospital oncológico desde que completou 16 anos, segunda e quarta-feira, toda semana. Ela era a única pessoa da família que não havia seguido o ramo da Medicina. Seu irmão Guilherme estava se especializando em neurologia na USP. A mãe dizia que a fruta (No Caso Ana) havia caído bem longe da árvore.

Entrou no elevador e deu boa tarde para o único ocupante, que a propósito, não retribuiu o cumprimento. Ela notou que a respiração do homem estava cortada, como se estivesse com dificuldade para respirar.

— Moço? — ela se virou pra ele preocupada. Tocou seu ombro e ele gemeu. Notou que o homem suava, tocou-o no pescoço, ardia em febre. — Não adianta perguntar se estar bem, pois é óbvio que não. — Ana fala.

Ele abriu um meio sorriso em resposta, mas não conseguia falar. Foi quando com dificuldade o rapaz também virou-se para ela. Ana sentiu o ar lhe faltar, seu coração errou uma batida, aqueles olhos causaram um rebuliço no seu estômago e em toda sua estrutura. Tudo isso em apenas alguns segundos. A porta do elevador abriu e ela obrigou-se a agir para ajudar o desconhecido.

Estavam no térreo, ele havia encostado na parede. Ana segurou a porta do elevador e gritou por ajuda. Um técnico e um enfermeiro foram até eles…

Ana viu os profissionais agirem com rapidez e eficiência. Eles o levaram para a emergência e ela os acompanhou. Ela ficou no Hall de espera. A recepcionista a chamou e perguntou o nome dele.

A garota não soube responder.

— Só estávamos no mesmo elevador. — Ana justifica.

Quinze minutos depois, o técnico que ajudou o enfermeiro foi até a recepção e entregou algo. Ana, que observava de longe, reconheceu a pulseira do hospital. A mulher apontou para ela e o técnico olhou para Ana. Não pareceu surpreso que ela ainda estivesse ali, foi até ela.

— O paciente está bem, a febre está sob controle e a respiração estabilizada. Descobrimos que é paciente do hospital, posso apenas informar isso. — o homem desculpa-se.

— Tudo bem, o nome dele? Posso saber? — pergunta ansiosa.

— José. — o técnico responde antes de afastar-se.

— José — repetiu para si mesma. Sorriu e antes de ir embora, abriu a bolsa, pegou o post-it e anotou o número do seu celular. Foi até a recepcionista.

— Dê ao José, por favor. — pede gentilmente. — O rapaz que…

— Eu sei quem é, pode deixar que entrego. — a mulher sorriu dando uma piscadela.

Ana corou, ficando tão vermelha quanto um tomate, agradeceu e foi embora.

3

José estava mal humorado, odiava hospitais. Odiava ainda mais quando passava a noite neles. Fechou os olhos, não adiantava nada reclamar, seu péssimo humor estava apenas em parte relacionado com sua maldita doença. Ele a viu quando estava saindo da quimioterapia, falava com uma das enfermeiras, o sorriso resplandecia em seu rosto oval, os olhos brilhavam a medida que a conversa fluía com a mulher a frente dela. Sentiu-se encantado por aquela criatura que provavelmente tinha a mesma altura que a sua, cabelo de caracol castanho escuro. Era a mulher mais linda que já viu na vida e logo seu mau humor voltou, ela jamais olharia pra ele.

A mulher e a enfermeira seguiram em direção a ala infantil.

Havia sido um dia puxado, José precisou fazer novos exames para saber o quanto a metástase havia avançado. Levando em conta a sua sorte, tinha certeza que as células cancerígenas haviam afetado muito mais que o fígado. Pensava nisso quando o elevador que estava parou e a mulher de sorriso resplandecente entrou. Ela desejou boa tarde e ele simplesmente travou. Não conseguiu retribuir um simples cumprimento pois sua doença decidiu se manifestar ali, na frente da mulher que havia chamado sua atenção no início da tarde.

O ar lhe faltou, dores abdominais começaram a se fazer presente e o pior, quando a moça tocou no seu ombro direito perguntando se estava bem, gemeu ao sentir a pressão de leve da delicada mão, sentiu dor. Começou a sentir-se tonto e sorriu ao ouvi-la fazer um gracejo, mas visivelmente preocupada depois de ter tocado nele. Com certeza estava com febre, ele também suava frio. A porta do elevador abriu e tudo passou a ser um borrão. Quando acordou aquela noite, estava tudo sob controle. A febre havia cedido, não suava como se tivesse corrido a Corrida do Círio, apenas a dor abdominal ainda prevalecia. Foi transferido da emergência para um quarto na oncologia.

Uma vergonha avassaladora tomou conta dele diante do vexame que deu na frente da mulher. Com certeza ela saiu correndo assim que foi socorrido. Seu humor havia sido ainda mais afetado pelo fato de a mulher ter visto logo de cara o que o câncer fazia com ele…

Naquela noite, o enfermeiro que o socorreu fez-lhe uma visita.

Perguntou como estava e entregou-lhe um papel que tirou do bolso.

— A recepcionista da emergência pediu para te entregar. Disse que estava no intervalo quando foi transferido para a oncologia. — explica.

O homem se despede, José desdobrou o pedaço de papel assim que o enfermeiro saiu.

Ana

XXXXX-XXXX

Era um número de celular, só havia o nome e o número e nada mais. Acreditando que estava sendo alvo de uma brincadeira de mal gosto, o rapaz rasgou o papel em pedaços minúsculos. Jogando-os na lixeira próximo a cama e sob o efeito das medicações, adormeceu.

***

"Quando olhei, pra você. Eu sentir o amor me tocar.

Foi mais forte do que eu, impossível de ser segurar "

Ana dormiu com o celular ao lado do travesseiro e despertou ao som de uma balada sertaneja de Rodrigo Lessa com participação de Zé Henrique e Gabriel. Espreguiçou-se antes de pegar o celular e desligar o alarme, colocou novamente a música para tocar na playlist do celular, no repeat. Estava sentindo-se romântica e a primeira estrofe daquela música representava bem o que sentia desde que cruzou com José. Esperou até tarde da noite por uma ligação, mensagem ou WhatsApp, mas não houve contato e isso era frustrante. Poderia parecer coisa de adolescente mas sonhou com ele e foi um sonho que a deixou bem acessa.

Ainda não compreendia como alguém que sequer falou-lhe tenha mexido tanto com ela. Acordou no meio da noite e tomou um banho gelado para acalmar o corpo que estava em chamas. O homem da mesma estatura, pardo e belos olhos cor de mel não saia da sua mente.

"Foi de estremecer quando olhei pra você"

Levantou-se num salto ao olhar a hora no relógio e viu que estava atrasada para o trabalho. Correu para o banheiro.

Seu Hugo e dona Cecília já estavam à mesa fazendo o desjejum.

— A bênção, mãe. — Ana beijou a mãe e depois o pai. — A bênção, pai.

— Deus te abençoe — ambos falaram.

— Está atrasada. — dona Cecília lembrou a filha.

— Por isso vou comer apenas um pãozinho com café.

Cecília sorriu, voltou-se para o marido que também sorria. Ana não mudava, sempre atrasada. A garota comeu rápido e saiu às pressas para pegar o ônibus.

Quando saiu do trabalho não pensou duas vezes e foi para o hospital, se Maomé não viria a montanha, a montanha iria até ele. Afinal, ela passou o dia esperando pela sua ligação, José poderia ao menos ligar e dizer que não estava interessado. Assim, Ana não ficaria ansiosa pela ligação daquele espécime de belos olhos.

***

— Por favor! — Ana não se dava por vencida.

— Não — a enfermeira Joana estava irredutível.

— Mas a moça da emergência disse que ele foi transferido pra oncologia. Só preciso saber o quarto dele. — A moça fala com os olhos de cachorro pidão.

— Por quê? — a mulher não conseguia entender o que uma jovem cheia de vida queria com alguém doente. Joana já sabia de quem a filha do seu chefe falava, José Torres, um paciente extremamente difícil de lidar.

— Porque quero ter certeza que ele está bem. — Ana responde.

Joana lhe deu um olhar descrente. Conhecia Ana desde que usava fraldas, foi a todos os aniversários da garota e ficou ao seu lado quando aos 16 anos, decidiu ser voluntária no hospital, mesmo que os pais fossem contra, pois a garota estava em ano de vestibular.

— Ana Maria Machado, seja mais convincente que isso senão vou chamar seu pai. — A enfermeira ameaça.

— Não paro de pensar nele e provavelmente ele nem queira saber de mim já que deixei o número do celular e José não ligou. — a garota fala rápido.

— Então por que quer vê-lo ? — a mulher perguntou a menina que sempre seria um criança aos seus olhos.

— Por quê? Eu sou teimosa e eu quero vê-lo nem que seja para levar um fora. — Ana responde.

— Ana, ele tem câncer terminal. — Joana despeja na garota, que não demonstrou seu abalo diante da notícia.

— Mais um motivo para conhecê-lo antes que não seja possível. — a garota retruca.

A enfermeira sorri, Ana é uma dentre um milhão. Quando quer alguma coisa nada a para, pelo visto nem mesmo um câncer. Pescou o bloco de receita da sua gaveta, pegou a caneta e escreveu. Arrancou o papel e entregou a sua menina teimosa.

— Eu não vi e nem disse nada. Agora some antes que me arrependa.

Ana abriu um sorriso do tamanho do mundo, abraçou sua tia postiça e foi ao encontro do homem que dominou seus pensamentos nas últimas horas.

Seguiu a passos firmes até chegar ao quarto de José, a porta estava fechada. Abriu e fechou a mão direita diversas vezes na maçaneta, até que finalmente criou coragem, bateu na porta a abrindo em seguida.

Ana ficou parada no vão da porta, José estava respirando com ajuda de oxigênio, os olhos fechados, notou que em algumas horas sua pele se tornou macilenta.

— Oi?

Ana virou a cabeça em direção a voz cansada. Deparou-se com uma mulher de idade, cabelo trançado e a aparência tão abatida quanto o paciente que dormia com certeza com ajuda de medicação pesada.

— Oi. — a moça responde ao cumprimento sem jeito.

Lia olhou para a jovem a sua frente, uma garota simpática que sorriu-lhe, seu olhar foi direcionado a seu filho, os olhos brilharam em expectativa mas logo voltou-se novamente pra ela.

— Desculpa, pensei que ele estivesse sozinho e também não pensei que o estado dele tivesse se agravado. Ontem o enfermeiro me garantiu que ele estava bem. — a moça justificou-se.

— Tudo bem, ele piorou durante a madrugada. Mas quem é você? — Lia pergunta.

— Ana. — A moça responde sem perder o sorriso.

— Conhece meu filho de onde? — a mãe do rapaz estava curiosa, seu filho havia se afastado de todos os amigos ou melhor, afastou a todos com seu

terrível temperamento.

A moça olhou novamente para José, os olhos novamente resplandeceram e o sorriso se tornou terno.

— Não o conheço oficialmente, estava no elevador quando ele passou mal ontem à tarde e… estava preocupada, não me deixaram vê-lo na emergência e …

— Como conseguiu entrar aqui sem autorização? — Lia a interrompeu.

— Bom, sou bem persuasiva. — Ana coça a bochecha. — Não me disse seu nome. — lembra a mulher.

— Lia — a mãe de José responde. — Agradeço por sua preocupação mas como pode ver, meu menino não está bem e não pode receber visitas. Se puder ir embora antes…

— Tudo bem. A senhora acha que sou uma doida, no entanto, eu realmente vim pra falar com seu filho e convidá-lo pra sair.

Surpresa não era bem a palavra que Lia buscava diante das palavras proferidas por Ana. A garota só poderia ser louca ou desprovida de informações.

— Ele tem câncer terminal. — ela solta as palavras com rispidez.

A expressão de Ana não se abalou, perguntou a si mesma por que as pessoas acreditavam que ela fosse desisti de conhecer José toda vez que falavam a palavra câncer.

— Eu sei, a enfermeira falou. Mas isso não me impede de querer conhecer seu filho.

— Por quê? — Lia começava a perder a paciência. A garota só podia estar zoando com a cara dela.

— Não sei explicar. — Ana é sincera. — Mas ele conseguiu abalar as minhas estruturas com apenas um olhar e um meio sorriso, além de ser lindo.

Ana olhou novamente para José, suspirando profundamente, lamentando por seu estado e por não ser naquele dia que se conheceriam pessoalmente.

— Está falando sério? — era difícil pra Lia acreditar.

— Sim. — Ana responde sem desviar os olhos do alvo de seu coração. — Não posso evitar, sou assim. A senhora permite que eu volte para outra visita? — pergunta à mulher como se isso não fosse esquisito.

— Se voltar, ele vai rechaçá-la. — Lia avisa.

Ana dá de ombros.

— Ou talvez não. Só vou saber se tentar.

4

José estava há uma semana no hospital, o humor estava mais azedo que limão galego. A paciência havia se esgotado há muito e soltava faíscas de raiva a qualquer um que ousava se aproximar. A mãe foi a única que conseguiu ficar com ele sem receber danos graves. Apesar da raiva, o respeito pelos pais era muito maior que qualquer sentimento negativo.

— José, como está seu humor hoje ? — Lia perguntou ao filho. Sondando o terreno para a garota teimosa que insistia em ir vê-lo. Ela conseguiu evitar a visitar de Ana nos dias anteriores, alertando sobre o mal humor e as crises de raiva. Sabia que o filho trataria a garota mal, mas ela tentaria que o estrago fosse o mínimo possível.

O rapaz olhou para a mãe, arqueou a sobrancelha direita fazendo uma pergunta silenciosa "é sério?"

— Como poderia estar? Ainda estou nessa maldita cama e o médico se recusa a me dar alta. — o homem é grosseiro. Logo arrepende-se, sua mãe tem estado ao seu lado desde sempre e isso o irritava, ela estava deixando o restante da família de lado para cuidar dele. — Desculpa, mãe. Não quis ser rude.

Lia fechou os olhos e segurou as lágrimas que estavam pedindo para descer há um tempo. Os abriu e olhou para o filho com um sorriso terno.

— Está desculpado. — fala e então toma a coragem necessária para falar sobre Ana. — Perguntei porque alguém vem te visitar e não quero que trate essa pessoa mal. — explica.

José não ficou surpreso, sempre havia um parente ou amigo que tentava vê-lo quando estava no hospital e ele sempre se recusava a recebê-los. Agora não seria diferente.

— Se não quer que destrate essa visita, diga para que não venha. — o rapaz foi direto.

— Já disse, mas Ana é muito teimosa. — sua mãe explicou.

Ana, ele já havia ouvido esse nome ou melhor, lido. Deve ser a maluca que deixou o número de telefone pra ele. Então ela estava insistindo em vê-lo? Que seja, logo se arrependeria da sua teimosia.

— Sendo assim, deixe-a vim. Lhe darei o devido tratamento. — José mudou de ideia muito rápido e a mãe não gostou nadinha de como soaram suas palavras.

José mexia no celular enquanto a mãe lia um livro. Estava jogando *criminal case* quando a mãe levantou e saiu do quarto para falar ao celular, com certeza era o pai que ligava para saber o estado do filho. Seu Bernardo não foi visitá-lo, apenas ligou para saber como estava e o rapaz sempre dizia o mesmo – Estou bem, não precisa deixar o trabalho por mim. — e Bernardo não deixava, depois do trabalho voltava pra casa e ficava com os filhos mais novos.

— José? Ana está aqui. — a mãe avisou abrindo a porta para que ele pudesse ver somente ela.

— Deixe-a entrar. — falou com um meio sorriso forçado.

Lia novamente temeu pelo comportamento do filho, mas antes que pudesse sequer cogitar em impedir a entrada da moça, Ana que ouviu a autorização de José, abriu a porta, revelando-se a ele.

José ficou estático diante da visão da pessoa à porta, o motivo do seu estresse e mal humor, a pessoa que tomou conta de seus pensamentos nos últimos dias, a pessoa que o viu ter uma crise, fazendo-o se sentir envergonhado.

— Ana? — perguntou como se estivesse diante de uma visagem.

Ela assentiu, dando-lhe um sorriso travesso que fez seu estômago entrar em colapso, como se os vermes tivessem decidido se mexer sem parar ou como descrevem nos livros de romance, as típicas borboletas na barriga.

A moça aproximou-se dele sem titubear, sequer podia acreditar que finalmente estava diante do homem que tem ocupado seus pensamentos nos últimos dias.

— José. — pronunciou o nome dele com tanto prazer que o rapaz sentiu as pernas bambas mesmo deitado. Seu coração acelerou de tal maneira que poderia lhe causar um infarto.

— O que faz aqui? — perguntou quando ela sentou-se a beira da cama.

Ana deu de ombros, sem perder o sorriso que o deixava encantado.

— Vim ver como está e conhecê-lo oficialmente. — responde tocando no braço direito dele.

O rapaz sentiu uma corrente elétrica perpassando por todo o seu corpo com aquele pequeno contato.

— Por quê? — ele não pôde evitar a pergunta.

Ana olhou para a porta, onde Lia observava perplexa a cena que se desenrolava a sua frente.

— A senhora pode nos dar — Ana olha para o relógio em seu pulso — 20min? — pergunta à mulher.

Lia olha para o filho que para a sua surpresa, assente.

— Tudo bem, 20 min. — fala antes de se afastar e fechar a porta do quarto.

Ana voltou-se para José, a face assumiu um tom rosado, o sorriso tornou-se tímido. Pegou a mão direita do rapaz e a levou ao coração que batia acelerado.

— Sente? — pergunta a ele. José assente. — Ele está doido assim por você.

— Ana. — José se preparou para ser duro. Era loucura, nem se conheciam e estavam tão ligados um ao outro.

— Acredita em paixão à primeira vista? Eu acredito. — ela pressionou a palma da mão dele acima do seu coração. — E eu tenho a terrível tendência de me jogar de cabeça em qualquer enrascada que esse órgão me mete.

— Eu estou morrendo. — ele fala como se isso fosse afasta-la.

— Eu também estou, morremos um pouco a cada segundo. A morte é inevitável para os seres vivos. Só que ela vem mais cedo para uns do que pra outros. Eu, por exemplo, posso morrer aqui e agora, meu coração pode parar se você o rejeitar.

Ele não consegue evitar um sorriso mediante as palavras da garota.

— Isso é chantagem? — pergunta.

— Sim. — Ana responde sem soltar a mão dele.

— Por mais que sinta o mesmo com relação a você, não podemos…

— Um encontro. Se você continuar pensando o mesmo depois de um encontro, prometo que nunca mais falarei no assunto. — Um encontro? — José pergunta.

— Sim, agora salva meu número e me dê o seu, por favor. — ela pede.

Eles trocam os aparelhos, digitam seu contato e devolvem o celular um para o outro.

— Você é meio doidinha, não é? — ele pergunta a moça.

— Um pouquinho. Então, fale-me sobre você. — Ana pede.

5

José segurava o celular, indeciso. Acabará de receber alta e queria muito compartilhar a notícia com Ana. Ela o visitou todos os dias desde que se conheceram oficialmente, sempre aparecia com algo para fazerem para ajudar a tirá-lo do tédio e fazer o humor dele melhorar. Ana sempre voltava mesmo quando José dizia para não fazê-lo. Mas aquele dia, justo aquele dia, ela não foi. Decidiu mandar uma mensagem de texto para avisá-la.

Recebi alta, estou indo pra casa.

Enviou a mensagem. Depois guardou o celular, seguindo a sua mãe.

Ana não respondeu a mensagem, mas visualizou. Dava para saber quando a mensagem era recebida e visualizada. Talvez ela tivesse cansado dele, talvez ele tivesse deixado de ser uma novidade e o coração dela nem reagia mais a ele. José deveria estar aliviado com a possibilidade, vinha tentando manter Ana afastada e não conseguia. Mas essa possibilidade o assustava. Ana o fazia se sentir bem consigo mesmo.

Decidiu não sair do quarto aquela noite, precisava de tempo para ponderar e aceitar que mulher de sorriso resplandecente foi algo passageiro na sua curta vida.

— Posso entrar?

José dá um pulo da cama. Ana estava ali, no vão da porta do seu quarto.

— Claro. — responde apontando para a cama. Onde ela sentou-se, tirou a mochila e a colocou no chão. Estava pálida, abatida, cabelo desgrenhado e olhos vermelhos. — O que aconteceu? — perguntou preocupado.

Ana balançou a cabeça em negação, mas não suportando mais o que a afligia, levou as mãos ao rosto para esconder as lágrimas que decidiram rolar justo ali, na frente de José. Ele sentou ao lado dela e a puxou para um abraço apertado. Ela permitiu-se envolver, descansou a cabeça no ombro do amigo e deixou as lágrimas rolarem.

***

Ana estava um caco, ela sabia. O dia que teve acabou com ela, quando chegou em casa depois de esperar horas no IML para fazer o reconhecimento do corpo de Sandra e Francisca, a diretora havia declarado luto de três dias pelas alunas assassinadas a sangue frio a caminho da escola. Não queria ficar

em casa sozinha com a imagem do corpo das duas garotinhas surgindo em sua mente. A mãe não estava e o pai estava de plantão. Ana pegou uma muda de roupa e jogou dentro da mochila, Ligou para Lia e perguntou o endereço dela, precisava de José. Mandou mensagem para a mãe avisando que não voltaria para casa, planejava dormir na casa de Joana depois que visse que seu amigo estava bem. No entanto, no momento que entrou no quarto dele, desabou. As lágrimas que segurou no decorrer do fatídico dia decidiram cair sem aviso prévio. José a consolou sem nem ao menos saber o porquê…

A água gelada ajudou o corpo de Ana a relaxar, colocou a cueca box e em seguida a camisa que José emprestou. Estava exausta e recebeu o convite de Lia para dormir ali, na casa deles. Sugeriu que Ana ficasse com Maria, sua segunda filha, mas José recusou, disse que Ana ficaria no quarto dele. A mãe do rapaz não os questionou, apenas assentiu e prometeu levar o jantar deles no quarto.

Ana havia levado apenas uma muda de roupa, ia pedi um pijama emprestado a Joana para dormir, por isso José emprestou uma camisa e cueca para a amiga. Ela voltou para o quarto na ponta dos pés, havia apenas dois banheiros na casa, um no primeiro andar e outro no segundo.

José estava sentado na cama esperando por ela, prendeu a respiração ao ver o quão linda Ana ficou nas suas roupas.

— Mais uma vez desculpa pelo incômodo. — a moça pede sem graça.

— Não é incomodo algum. Seu pai ligou. — o rapaz avisou, devolvendo o celular a ela.

— O que ele falou? — Ana sentou-se ao lado dele.

— Disse estar preocupado, que ficou sabendo o que aconteceu a suas alunas e que iria para casa o mais rápido possível para ficar com você, ah, sua mãe também está a caminho. Parece que foi visitar seus avós. — ele responde.

— E o que você disse a ele? — ela quis saber.

— Que você não está sozinha e vai dormir aqui em casa. Ah, ele perguntou quem sou e disse que sou um amigo. Ele disse, um amigo de cama? — Ana riu, seu pai era uma figura. — e eu disse, essa noite provavelmente serei, que vamos dormir na mesma cama. — Só isso? — Ana estranhou.

— Não, ele ordenou que eu vá com você amanhã para que explique quais são minhas intenções. — José também sorri.

Ana abraçou José aos risos. Com certeza seu pai havia dito aquilo, mas o tom que José usou deixou tudo mais leve.

— Obrigada. — sussurrou por sobre o ombro do rapaz.

— Estou aqui para quando se sentir pronta pra falar sobre isso. — José apertou um pouco mais os braços em volta dela.

Depois se acomodaram na cama e ficaram de frente para o outro, Ana tocou o rosto do rapaz, os olhos continham muito mais que gratidão.

José colocou sua mão por sobre a dela. Estava sentindo o mesmo, mas aquele não era o momento, Ana estava fragilizada e cansada. Seria um calhorda se se aproveitasse disso.

Ela aproximou-se mais, beijou-lhe o nariz e sorriu.

— Ainda não tivemos o primeiro encontro. Boa noite. — o tranquilizou. Ana não esperava mais do que José poderia lhe dar e naquele momento, ela não tinha muito a oferecer. José deu-lhe o meio sorriso que ela passou a amar e disse:

— Boa noite.

6

Ana estava nervosa, já havia trocado de roupa três vezes e nunca parecia a certa. Primeiro colocou um macaquinho florido, depois vestiu uma calça pantalona com uma camiseta branca. Em seguida colocou o vestido que usava naquele momento, um vestido salmão simples, de alças finas e saia reta. Chegava até ao meio de suas coxas, e se trocasse por uma saia longa e blusa de alcinha? Estava tão indecisa que não notou sua mãe parada ao batente da porta, de braços cruzados a observando.

Cecília estava há semanas preocupada com a filha, tentou convencê-la a pedir licença do trabalho, mas não conseguiu. Ana ficou um tempo distante, foi preciso uma chamada de vídeo do irmão e as ligações frequentes de José que fizeram a moça retomar pouco a pouco a alegria. O rapaz os visitava uma vez por semana, sempre depois da quimioterapia. A psicóloga ficou surpresa ao ver o paciente do marido na sua casa e em companhia da filha. O marido também. Quando Hugo a questionou sobre a relação deles, Ana afirmou que são apenas amigos, contudo fez questão de enfatizar o “por enquanto”. Eles a alertaram sobre se envolver com o rapaz, o que o câncer faria com ambos e que isso provavelmente a destruiria emocionalmente. Ana os ignorou e disse que o depois não importava, apenas o agora.

— Está linda. — Elogiou a filha que tomou um grande susto. Estava tão nervosa que sequer percebeu a chegada da mãe.

— Mamãe. — a garota a repreendeu.

— Desculpa, quer ajuda na maquiagem? — pergunta a Ana, que assente com um sorriso.

Cecília aproximou-se da filha e começou a maquiá-la.

— Eu gosto dele, é um bom rapaz. — fala a filha enquanto passa a base na pele dela.

— Mas? — Ana pergunta mesmo sabendo a resposta.

— Sabe que é inevitável que sofra, ele está morrendo. — E dona Cecília falou o que a filha esperava.

— Todos nós estamos, mãe. Minhas alunas eram saudáveis e mesmo assim a morte veio pra elas.

— Querida, eu sei… mas você… pode evitar esse sofrimento.

— Vou sofrer ainda mais se abrir mão dele por medo de sofrer, o quero desde a primeira vez que nossos olhares se cruzaram. Sempre deixei claro a José minhas intenções com relação a ele e mesmo assim, o teimoso ainda resiste, dizendo ser para o meu bem.

Cecília começou a passar o pó depois de usar o corretivo. — Droga, deveria ter trabalhado nos olhos primeiro. — a mulher lembrou.

— Tudo bem, confio no seu talento, só peço que me deixe o mais natural possível.

— Filha, eu entendo. Você gosta dele, mas esse gostar vai valer todo o sofrimento que a aguarda? — Cecília só queria o bem da filha.

— Mãe, lembra de quando assistimos juntas o hotel Transilvânia e a Mavis tem o Tchan com o Johnny? — Ana pergunta à Cecília, que assente em recordação. — O mesmo aconteceu com José e eu, por isso te peço que pare de tentar me fazer desistir dele. Pois não posso, é mais forte do que eu.

Cecília não soube o que dizer diante da maturidade de Ana, sorriu e assentiu.

— Eu te amo e por te amar, tenho medo que sofra. Mas se tem certeza do que sente por esse rapaz e está disposta a enfrentar qualquer coisa para ficar com ele, que seja. — Disse a sua menina. Ana sorriu, surpreendendo a mãe com um abraço.

Cecília deu uns tapinhas na costa da filha, a afastando e olhando-a com ternura.

— Agora, vou deixa-la ainda mais linda.

Ana mal se reconheceu quando a mãe terminou. Estava tão diferente do habitual. No seu dia-a-dia usava apenas batom, delineador e rímel. Sua mãe havia caprichado. O celular vibrou. José enviou uma mensagem avisando que havia chegado. A moça beijou a mãe no rosto, pediu a bênção e saiu correndo. No primeiro andar, encontrou o pai à espreita. O homem ficou surpreso ao ver a filha tão linda quanto uma princesa. Ela o abraçou, pediu a bênção e disse para não esperá-la acordado.

José a esperava ao lado do carro, não pôde esconder a surpresa ao vê-la, Ana era a reencarnação da própria perfeição.

— Como estou? — a moça pergunta dando uma volta para que ele pudesse vê-la por completo.

— Maravilhosa. — ele responde. Ana sorri, o abraçando em seguida. O motorista do Uber aperta a buzina, interrompendo o momento. — Vamos. — José fala ao soltá-la. Ele abre a porta do carro do carona para ela, ele entra logo após.

— Para onde vamos? — Ana pergunta alisando a saia do vestido, esse gesto chamou a atenção de José para as pernas dela. — Tem um restaurante com música ao vivo, bem confortável e com uma vista incrível. — o rapaz responde.

— Onde? — ela pergunta.

— Ah, no Ver-o-Rio. — José responde com um meio sorriso que deixa Ana de pernas bambas.

— Amo esse lugar, tem uma vista maravilhosa para a Baía do Guajará. Além de comidas típicas, um calçadão que dá para passear de mãos dados e a prainha. O lugar perfeito para o… — Ana se cala. Decidiu guardar aquele pensamento para si.

— Para o quê? — o rapaz pergunta curioso.

— Para tirar uma *selfie*. — ela responde.

***

“ Somos tão jovens…”

Era noite do rock nacional e as músicas da Legião preenchiam o ambiente. A pedido dos clientes, os músicos já haviam tocado Barão vermelho, Cássia Eller e Titãs. Ana havia terminado de comer o arroz paraense que estava divino e tomou um gole do suco de bacuri, o seu favorito. José optou por salpicão de frango sem maionese e suco de goiaba. Tudo estava perfeito, estavam jantando em um ambiente agradável com música ao

vivo e de boa qualidade. — Vão querer sobremesa? — O garçom, um homem que exalava simpatia perguntou ao casal. — Estou satisfeita. — Ana garantiu.

— Eu também. — José concordou, mas por outros motivos. Havia começado a dar aulas particulares em casa e não tinha certeza se o dinheiro que arrecadou seria o suficiente para pagar as despesas da noite. — A conta por favor. — pede ao funcionário, lembrando que ainda havia os 10% do garçom.

O garçom entregou a nota e José tentou não se deixar abalar, como um salpicão e um arroz paraense com dois copos de suco poderiam custar um rim? Ele conseguiria pagar a conta, mas teria que pedir dinheiro emprestado do pai para pagar o Uber. Ana pegou a nota das mãos dele, verificou o valor, abriu a bolsa e devolveu o papel com metade do dinheiro para pagar a conta.

— Faço questão de rachar a conta. — explica. — E nem pense em recusar. — fala em tom de ameaça. Ele assentiu e tirou a outra metade do dinheiro da carteira. Entregou ao garçom.

— Vamos dar uma volta. — Ana pede.

Eles levantaram, deram as mãos e seguiram pelo calçadão de tijolos portugueses. Estava uma noite perfeita, o céu coberto por estrelas. A lua nova também ajudava a tornar a visão ainda mais bela. Ana o levou até a prainha, mas a maré estava cheia e cobriu toda a areia. Lamentou em silêncio e voltaram a passear pelo complexo turístico. Andaram mais um pouco até que o rapaz sentiu necessidade de parar. Estava começando a sentir as limitações da doença, Ana sentou ao lado dele e descansou a cabeça em seu ombro. A vista que tinham diante de si era de um esplendor imensurável. A Baía do Guajará iluminada pelo céu estrelado e a luz do luar.

— Ana? — José a chamou e a moça levantou a cabeça, estavam tão próximos um do outro. Face a face, ambos com a respiração pesada devido à proximidade. Ana esperava ansiosa para que José desse o passo seguinte, acabar de vez com aquela mínima distância com um beijo.

A mão dele subiu a lateral do rosto dela e a tocou com delicadeza. Indeciso sobre seguir adiante ou não, antes mesmo que pudesse tomar a decisão, Ana a tomou por ele. Ela o beijou. Seus lábios macios tocaram os dele com delicadeza. Ana esperou-o retribuir o beijo e ele o fez, sua boca começou a explorar a dela sem pressa, sem qualquer receio ou arrependimento, foi um beijo de entrega. Quando finalmente se soltaram, estavam ofegantes. Abraçaram-se e ficaram a admirar a pintura paisagística a sua frente. Para Ana, nada mais importava, pois naquele momento finalmente estavam construindo o seu pequeno infinito.

Fim…

Nota da autora

Meio que decidi iniciar na Amazon com este conto; uma história fofa e bem amorzinho. Quem me conhece e acompanha à algum tempo no wattpad sabe que minhas histórias são bem estilo novela mexicana, cheias de dramas e reviravoltas. Mas para iniciar essa nova fase, escolhi esse clichê bem leve e super fofo. Particularmente Ana e José são os meus bebês pois foi a primeira história que finalizei e dei para alguém ler. Nesta nota também deixo minha gratidão a Rayra Vieira e a Sandra, que leram este conto antes de qualquer outra pessoa, a opinião de vocês foi de suma importância para levar esse projeto adiante e as minhas amigas dos grupos literários, especialmente o clube de leitura Navegantes Literárias, vocês são demais e vivem no meu coração e família, provavelmente vocês não vão ler este conto, mas também dedico ele a vocês, os amo muito. Sei que são muitos agradecimentos mas quero que entendam que este conto, publicá-lo foi um grande passo para mim e sim, pretendo em breve publicar outros na Amazon. Obrigada a você que tirou uns minutos para conhecer essa história, se gostou, indique aos amigos. Até a próxima.